

## **Considerações sobre o processo da exposição *Lucas Bambozzi – o espaço entre nós e os outros*.**

*É experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação.* (Jorge Larrosa) <sup>1</sup>

As relações entre arte e educação geram inquietações em escolas, museus e instituições culturais, a prática profissional também faz pensar, desperta a curiosidade e é fonte geradora de questionamentos. Os interesses que decorrem da atuação no campo da pesquisa e da arte-educação estão ligados à mediação cultural na contemporaneidade: Como a arte-educação se situa no cenário contemporâneo? Medidas educacionais aproximariam arte e público? A mediação nos espaços expositivos reafirma que o que está exposto é arte? Como lidar com a diversidade de repertórios pessoais e culturais? Como potencializar a experiência estética no encontro entre a arte/cultura e o público? Como estabelecer diálogos na busca de algum sentido?

Nas situações vivenciadas no projeto da exposição *Lucas Bambozzi – o espaço entre nós e os outros*<sup>2</sup> foi possível encontrar algumas respostas e, principalmente, formular novas perguntas. O conceito de *Curadoria de Processo*, conhecido através de textos de Cecília Almeida Salles, e da proposta curatorial de Christine Mello, abriu novas perspectivas para a compreensão das relações entre artista, obra e público. A valorização da investigação dos processos, registros e escolhas, tanto do artista, quanto do curador e a atitude de dar visibilidade a conteúdos que, habitualmente, ficam distantes do público, expandem as possibilidades de acesso e de mediação. A oportunidade de “ver por dentro” favorece a leitura ampliada e enriquece a reflexão. Cabe destacar, que a democratização do acesso a tais conteúdos atualiza algumas idéias ainda presentes no imaginário daqueles que se aproximam do campo da arte: a do artista gênio, original e isolado, que produz suas obras “num passe de mágica”; bem como a do curador, excêntrico produtor de discursos incompreensíveis e envolto na atmosfera de glamour do cargo.

---

<sup>1</sup> *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 163.

<sup>2</sup> Em fevereiro de 2011, aceitei o convite da curadora Christine Mello para atuar como sua assistente na exposição individual de Lucas Bambozzi, a ser realizada no Laboratório Arte Alameda, na cidade do México, no período de abril a junho de 2011.

A perplexidade do público pode decorrer de fatores como falta de informação ou de referências estéticas atualizadas, de critérios do passado para julgar a arte de agora e do apego a idéias sobre o que é arte, artista, obra, mercado. Os critérios para classificar algo como 'arte' mostram-se imprecisos. É preciso fazer várias perguntas para montar os "quebra-cabeças": é arte? quem disse? porquê? onde? para quem? desde quando? A *Curadoria de Processo* enfrenta estas questões com uma perspectiva arqueológica, valorizando cada achado, com transparência e o diálogo, tanto no fazer artístico, quanto nos processos curatoriais. Por isto, as estratégias de acesso e aproximação entre artista, obra e público que integraram as propostas para ação educativa da exposição contemplaram um cenário que revela procedimentos, atitudes e valores sob a ótica da teoria e da prática, entre outras questões: as dimensões da arte, especialmente, a contemporânea, em seus processos de interatividade e participação; as instituições culturais em seus diversos setores; as escolhas da curadoria; a ação educativa; as políticas culturais; os processos de formação de mediadores e os canais alternativos de ativação do público (blog, palestras, parcerias com instituições).

Além da quebra de paradigma no que se refere ao modo de pensar a arte e a curadoria houve experiências que, parafraseando Larrosa, passaram, formaram e transformaram: enfrentamentos, idiossincrasias, *modus operandi* institucionais, territórios, culturas, idioma, a dinâmica do sistema da arte no México envolvendo mercado, museu, universidade, críticos, galeristas, artistas, colecionadores, representantes institucionais em âmbito internacional, além do contato com as diversas etapas que envolvem a realização de uma exposição e seus desdobramentos; Dinâmicas e processos institucionais ocultos, mutantes e por vezes, inapreensíveis; conversas com o artista sobre inquietações e desafios da montagem, testes de equipamentos, registros fotográficos e em vídeo, produção de texto de apoio, suporte à estruturação do programa de atividades paralelas e de sua estratégia de divulgação; planejamento do blog da curadoria de processo e captação de imagens fotográficas e em vídeo para matérias do blog; Visitas à Feira de arte contemporânea *Zona Maco*, ao *Museo Universitario de Arte Contemporáneo (MUAC)*, *Museo Mural Diego Rivera*, *Museo Frida Khalo*, *Museo de Antropología* e *Museo de Arte Moderno (MAM MX)*. A bagagem voltou repleta de experiências e aprendizados valiosos.

Todas as vivências foram vitais para a compreensão de novas dimensões do campo da arte contemporânea que evidenciaram as forças e as redes que atravessam sistema. Os agentes governamentais, empresariais, acadêmicos, curadores, colecionadores, comerciantes, galeristas, jornalistas, produtores culturais, artistas, críticos, a massa que “consome com os olhos”, o público que não frequenta exposições, enfim, todos aqueles que se envolvem nesta rede, operam como mediadores e integram um circuito de consumo material e imaterial.

A arte moderna, seus manifestos, “ismos” e relativo distanciamento histórico, oferecem parâmetros à leitura, diferentemente da arte que se faz atualmente, perpassada por diversos outros fatores. Embora a relação estreita entre arte e vida seja uma questão contemporânea, a perplexidade e o distanciamento do público permanecem. Se um dos propósitos da arte-educação é contribuir para preparar o público para se relacionar com a arte, o museu ou instituição cultural deve colaborar e ser um facilitador do processo educativo.

A colaboração no projeto da exposição *Lucas Bambozzi – o espaço entre nós e os outros* agregou imenso valor a minha formação como artista e arte educadora. Ao concluir, reitero meus agradecimentos à Christine Mello pela confiança depositada no meu trabalho e por mostrar caminhos, à Josy Panão pela ajuda, por me agüentar e pelos questionamentos, não necessariamente nesta ordem, ao Lucas Bambozzi pelas trocas, livros e conversas e aos demais integrantes da equipe, por todas as experiências compartilhadas.

*Ana Luisa Nossar  
São Paulo, agosto/2011*